

CAPOEIRA, DAS SENZALAS À UNIVERSIDADE: a prática educativa da cultura negra na UFPB

André Sarmiento de Sousa

Estudante do Curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Email: andre_sarmiento@hotmail.com

RESUMO: O presente trabalho procura analisar a atividade desenvolvida pelo grupo de Capoeira Angola Mandiga em parceria com o Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), que se materializou em uma prática compromissada com a socialização dos saberes que permite à reflexão crítica contextualizada, relativa à cultura afro e sua trajetória libertária. Para tanto, utilizamos fontes que circulam entre a tessitura teórica e os saberes populares. Além disso realizamos pesquisa de campo através de entrevistas. Compreendemos que essa prática educativa conduz a um diálogo entre a arte da Capoeira Angola e a Pedagogia libertária.

Palavras chave: capoeira - cultura negra – universidade – prática pedagógica

1 INTRODUÇÃO

Este artigo se justifica pela necessidade de analisar a prática da Capoeira Angola como parte dos estudos da cultura negra na UFPB, pontuando a importância desta arte enquanto prática pedagógica inerente ao seu processo histórico social, quebrando paradigmas impostos por uma sociedade que ainda tem uma visão restrita e preconceituosa da capoeira.

Para tanto, o nosso objetivo geral consistiu em analisar a prática da cultura da capoeira direcionada à comunidade da UFPB pelo projeto Capoeira Angola: a prática educativa da cultura negra. Como objetivos específicos, seguiram as seguintes etapas: registro e intervenção da Capoeira Angola enquanto processo de resistência cultural negra na UFPB, que possibilitou uma visão mais ampla do contexto, vendo nela as suas mais diversas expressões culturais, parte da criação humana, livres de preconceitos, imagens preestabelecidas, utilizando para tal os fundamentos da Capoeira Angola.

Sendo assim, os saberes da cultura popular presentes nos ensinamentos dos mestres de capoeira possibilitou um diálogo com a *práxis* do pensamento freireano. A nossa inquietação partiu da experiência com os fundamentos da Capoeira Angola que impactou em nossa vivência enquanto educador, por meio da intervenção realizada no referido projeto, no Centro de Educação da UFPB.

2 METODOLOGIA

A pesquisa se insere numa abordagem de estudo qualitativo no campo da história cultural, cujo foco principal foi a análise da capoeira enquanto fenômeno social. Para tanto, utilizamos aportes teóricos bibliográficos, documental e fontes orais, tais como: Silva (1995), Brasil (2014), Freire (1987), Pastinha (1988) entre outros. E, para a interpretação dos resultados, precedemos a partir da análise temática, através de contextualização explicativa.

3 DISCUSSÃO E RESULTADOS

3.1 CAPOEIRA: a luta da liberdade

A capoeira como manifestação cultural brasileira é reconhecida no seu processo histórico como uma luta de resistência. As várias produções sobre esta arte destacam sua forma de defesa em busca da liberdade. Concordamos com Silva (1995) ao afirmar que a capoeira, remonta os caminhos percorridos pelos escravos nas suas investidas a caminho da liberdade. Seria no mato ralo (tradução da palavras tupi *caá puera*) onde geralmente ocorriam as emboscadas dos escravos fujões contra os capitães do mato.

Um imaginário produzido por relatos orais, músicas do cancionero negro e popular, crônicas, registros policiais e as recentes pesquisas acadêmicas apontam a capoeira como luta de libertação. De acordo com Dossiê do Iphan: Rodas de capoeira e Ofício de Mestres de Capoeira

[...] um reforçado imaginário [...] relacionou a capoeira a escravidão rural, á sua prática nas senzalas sob o olhar desconfiados do senhor de engenho. A capoeiragem, porém, fincou raízes em áreas urbanas [...] nas principais cidades portuárias, tendo surgida como prática urbana de resistência de escravos de ganho. [...] portanto, além da comprovação da raiz africana é preciso reconhecer as mudanças que ocorreram em solo brasileiro (BRASIL, 2014, p.13).

Após anos de lutas, revoltas e organização, os negros conseguem a “liberdade”, que condicionou os ex-escravos a vagarem pelas ruas, sem comida, condenados às favelas e à marginalização. A capoeira tem um papel fundamental, pois nos corpos, na ginga e no jogo da vida, os negros encontraram formas de sobreviver. De acordo com a entrevista do mestre Lima, um dos precursores da capoeira no estado da Paraíba e mestre do Grupo de Capoeira Angola Mandiga, “a capoeira é luta do oprimido contra o opressor” (LIMA, 2014).

A capoeira se prolifera, e pela força os poderosos tentam aniquilar o seu legado. O Governo Republicano, instaurado em 1889, aplica uma política de repressão à capoeira, deportando os

capoeiras, considerados criminosos, para o Arquipélago de Fernando de Noronha. No ano seguinte é publicado o famigerado Decreto nº 847 de 11 de outubro de 1890, que criminaliza (oficialmente) a prática da capoeira. De acordo com código penal:

Artigo 402. fazer nas ruas a praças públicas exercícios de agilidade e destreza corporal conhecidos pela denominação de capoeiragem; andar em correrias com armas ou instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoas certas ou incertas, ou incutindo temor ou algum mal. Artigo 403. Pena: prisão de celular de dois meses a seis meses (BRASIL *apud* FALCÃO, 2004, p. 22)

Assim, assassinatos, torturas, prisões e castigos eram impostos legalmente a todos os praticantes da arte. A capoeira torna-se a expressão de todas as classes oprimidas que nela encontram formas de resistência contra a opressão. Como prática de resistência, a capoeira ecoou nos sonhos nacionalista dos intelectuais defensores da causa negra. O submundo da capoeira era frequentado pelos intelectuais e figuras liberais. Embora execrados pela lei, os capoeiristas tiveram sua imagem associada ao imaginário do romantismo, a vertente da *belle époque*, que buscavam defender a capoeira como prática de luta nacional.

3.2 DAS RUAS ÀS ACADEMIAS: o surgimento das escolas de capoeira

A onda burguesa chega às terras brasileiras culminado com a revolução de 1930, levando ao poder o presidente Getúlio Vargas. O “pai dos pobres” toma inúmeras medidas de cunho nacionalista como estatizações, industrialização e leis trabalhistas. Para garantir a identidade cultural do país Vargas incentiva uma série de manifestações culturais populares. Deste modo, os anos de canto escondido são libertados e explode a angústia do peito dos capoeiristas. A capoeira toma conta de todas as festas populares.

[...] a capoeira era parte integrante e obrigatórias de todas as manifestações populares, como forma de manifestação espontânea do povo. [...] Eram festas populares onde a necessidade de expressão do povo se faz impor através de suas manifestações, hábitos e costumes. (AREIAS, 1983, p. 65-66).

Neste contexto, surge a luta regional baiana, conhecida como “Capoeira Regional”. Manoel dos Reis Machado, mais conhecido como Mestre Bimba, desenvolve o primeiro método de ensino da capoeira, fundando a primeira escola de capoeira denominado de “Centro de Cultura Física e Regional da Bahia”. Um dos momentos cruciais para a formação da “Capoeira Regional” é a integração de dois mundo, o popular do mestre Bimba e o acadêmico, erudito dos alunos

universitários, mais precisamente o encontro entre o Mestre Bimba e o estudante de medicina chamado Cisnando, no ano de 1932. De acordo com o Hélio Campos (2009, p. 98), aluno do Mestre Bimba conhecido como Mestre Xaréu, “Cisnando foi o primeiro aluno branco pertencente a uma classe social abastada de Salvador a praticar a capoeira e também foi o principal interlocutor entre Mestre Bimba, a Capoeira Regional e a universidade”.

Esta experiência pioneira rendeu muitos frutos. A capoeira foi ganhando, aos poucos, notoriedade por seu valor educativo e cultural. Segundo Mestre Xaréu, as primeiras manifestações a favor da capoeira no currículo dos cursos universitários aconteceram na Bahia. A capoeira foi inserida no programa curricular do Programa de Melhoria de Ensino Nacional (PREMEM), do Ministério da Educação e Cultura, desenvolvido pela Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia em 1971. Após sua morte, mestre Bimba recebe da Universidade Federal da Bahia, o título do Doutor Honoris Causa, sendo reconhecido o seu papel de educador popular.

Outro visionário surge concomitantemente ao Mestre Bimba: o Mestre Pastinha, que ganha a acunha de “guardião da Capoeira Angola”. Em 1941, Pastinha fundou a primeira escola de Capoeira Angola legalizada pelo governo baiano, o Centro Esportivo de Capoeira Angola (CECA), no Largo do Pelourinho, na Bahia. (BRASIL, 2014).

Jorge Amado, admirador do Mestre Pastinha e da Capoeira de Angola, escreveu:

[...] Em sua escola, no Pelourinho, Mestre Pastinha constrói cultura brasileira, da mais real e da melhor. Toda vez que assisto esse homem, de 75 anos, a jogar capoeira, dançar samba, exhibir sua arte com o clã de um adolescente, sinto a invencível força do povo [...], sobrevivendo e construindo apesar da penúria infinita, da miséria, do abandono. Em si mesmo o povo encontra forças e produz sua grandeza. Símbolo e face deste povo é Mestre Pastinha (PASTINHA, 1988, p.02).

O "velho Mestre" terminou seus dias esquecido. Expulso do Pelourinho em 1973 pela prefeitura, sofreu dois derrames seguidos, que o deixaram cego. Morreu aos 93 anos, mas continua vivo nas rodas, nas cantigas, no jogo e na história da capoeira e da cultura negra.

Tanto Bimba quanto Pastinha enfatizavam que a capoeira ensina para vida. Para estes Mestres, a capoeira é um estilo de vida, um modo de ser, conviver e enfrentar o mundo. É uma filosofia. É a própria vida. De acordo com o Mestre Pastinha: “capoeira angola é mandiga. É a ânsia do negro pela liberdade” (PASTINHA, 1988). Mestre Bimba, por sua vez, “na sua maneira de comunicar aproximava as pessoas, transformando-as mutuamente, usando os signos no sentido de liberar cada um de si mesmo, e convidava a todos para compartilharem experiências, ideias e sentimentos”. (CAMPOS, 2002, p. 143)

Neste sentido, a capoeira apresenta seu caráter libertário que dialoga com a Pedagogia do Oprimido. De acordo com Paulo Freire:

[...] o que vimos chamar de pedagogia do oprimido: aquela que é forjada com ele e para ele, enquanto homens e povos, na luta incessante pela sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto da reflexão dos oprimidos. de que resultará no seu engajamento necessário na luta por sua libertação. Em que esta pedagogia se fará e refará. (FREIRE, 1987, p. 32).

Mais a frente Freire afirma: [...] “a pedagogia do oprimido que, no fundo, é a pedagogia dos homens empenhados-s e na luta por sua libertação, tem suas raízes aí. E tem que ter nos próprios oprimidos, que saibam ou comecem criticamente a saber-se oprimidos, um dos seus sujeitos” (IDEM, p. 40).

As escolas foram um momento importante de organização da Capoeira. Mestre Bimba e Pastinha se tornaram referências em seus ofícios de Mestres, vencendo todas as resistências impostas às manifestações culturais advindas dos negros.

3.3 IÊ VOLTA AO MUNDO: a capoeira na Paraíba

A capoeira, pelo seu conjunto de diversidades e adversidades, produz uma gama vasta de integração social e de saberes. A sua história, carregada de amor e dor, nos aponta todos os processos pela qual ela ultrapassou na construção de sua prática de significados e ressignificações (negaça), no eterno movimento vivo (volta ao mundo) característico de todas as revoluções humanas. De acordo com o Dossiê do Iphan (BRASIL, 2014), a capoeira está presente em cerca de 156 países. Hoje ela é mundial e um dos principais divulgadores da cultura afro-brasileira.

Na década de 50 a cultura negra, como capoeira, samba e candomblé, tornam-se referências culturais. A herança afro, outrora marginalizada, começa a ser incorporada à indústria do turismo, envolvendo a cultura negra em um processo de folclorização. Esta “regulamentação” vai sacudir o mundo da capoeira. Muitos grupos de capoeira e mestres formam grupos folclóricos. A capoeira paraibana é resultado deste processo. De acordo com relatos da velha guarda da capoeira paraibana, a capoeira “chega” ao estado da Paraíba através do Mestre Aldalberto Conceição Zumbi Bahia, na década de setenta. Em 1977, o Mestre Zumbi Bahia realizou uma apresentação cultural intitulada "Uma Noite na Bahia" do grupo filhos de Obá. Encantado pelo espetáculo, o historiador e folclorista Tenente Lucena convida Zumbi Bahia para iniciar um trabalho com a capoeira em nossa cidade. O

local escolhido para o curso foi o SESC/João Pessoa. Zumbia-Bahia também foi convidado para lecionar aulas de capoeira UFPB. No entanto as aulas não saíram do papel.

Poucos estudos foram realizados sobre a origem da capoeira na capital paraibana. Destacamos o estudo da Contra Mestre Malu Lima.

Em 05 agosto de 1978, no palco da antida Coex- João Pessoa, realizou a abertura oficial da capoeira na Paraíba como o espetáculo “Berimbau de Ouro Show”, que foi realizado como tentativa de divulgação e informação. [...] afirmou Pássaro Preto que depois desta apresentação aumentou o número de alunos nos cursos de capoeira e os convites para as apresentações em colégios e em festas (LIMA, 2005, p. 13)

Apesar de ser legalizada, a capoeira sofre forte discriminação. Uma matéria do jornal de circulação na capital, publicada no ano de 1978, atacou a prática da capoeira na Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Não entendo porque a nossa Universidade vai instituir um curso de capoeira [...] pretender agora, faze-la ressurgir com os mesmos macetes da época remota em que foi criada, não parece, pelo menos, aqui na Paraíba, coisa aconselhável, por razões sabidamente conhecidas, que não se vale a pena relatar. [...] todos os dias estamos presenciando, com intima revolta, o sentimento de piedade, como ocorre agora, envolvidos em crimes [...] e se ensinarmos a prática da capoeira, teremos, certamente, um pouco de culpa no que acontecerá depois (O NORTE, 1978, p. 04).

Zumbia Bahia penou. Dedicou-se a arte por amor, mas a falta de apoio financeiros o impossibilitava de continuar seus trabalhos aqui no estado. Em 1979 ele é obrigado a ir para Recife. Alguns dos seus alunos já haviam atingidos um bom nível de capoeira e para não deixar morrer a capoeira no estado continuaram com o trabalho de Zumbi Bahia. Em 1980, os alunos Marconildo (Quebra-Barreiras) e Rogério (Curisco) lecionam capoeira no bairro do castelo Branco, fundando o grupo Quilombada. O bairro do Castelo Branco destaca-se pela intensa presença da cultura afro. Berço de terreiros de candomblé, Maracatu, artistas musicais e entidades culturais.

Deste trabalho surge a segunda turma de capoeira, a qual fazia parte o Mestre Lima e o Mestre Zunga, que juntos fundaram a Escola de capoeira Afro-Nagô. O Mestre Lima decide levar a frente seu próprio trabalho e forma o grupo de Capoeira Angola Mandinga, desenvolvendo um trabalho comunitário no bairro de Mangabeira I, onde oportuniza a prática da capoeira para a comunidade. Representante da velha guarda da capoeira paraibana, o mestre Lima e o Grupo de Capoeira Angola Mandiga trabalha a capoeira com luta e arte advinda do povo para o povo.

3.4 A arte da capoeira angola na UFPB

Alguns passos estão sendo dados para a reparação histórica da capoeira. Após séculos de luta, a Capoeira é reconhecida como Patrimônio Cultural. O seu pedido de registro foi uma iniciativa do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e do Ministério da Cultura, resultado de uma ampla pesquisa realizada entre 2006 e 2007 para a produção de conhecimento e documentação sobre esse bem imaterial.

No ano de 2010, o governo Lula sanciona o Estatuto da Igualdade Racial. A LEI Nº 12.288, de 20 de julho de 2010 afirma no Capítulo 2: do direito à educação, à cultura, ao esporte e lazer:

Seção I Disposições Gerais: Art. 9. A população negra tem direito a participar de atividades educacionais, culturais, esportivas e de lazer adequadas a seus interesses e condições, de modo a contribuir para o patrimônio cultural de sua comunidade e da sociedade brasileira, (BRASIL, 2010).

Nessa menção observa-se o interesse, mesmo que insipiente, o início da orientação sobre a prática da capoeira no currículo escolar.

O Estatuto da Igualdade Racial ainda determina:

Art. 10. Para o cumprimento do disposto no art. 9º, os governos federal, estaduais, distrital e municipais adotarão as seguintes providências: I - promoção de ações para viabilizar e ampliar o acesso da população negra ao ensino gratuito e às atividades esportivas e de lazer; II - apoio à iniciativa de entidades que mantenham espaço para promoção social e cultural da população negra (IDEM)

Baseando-se na lei, no potencial multidisciplinar da arte da Capoeira de Angola e os avanços dos estudos da questão negra na UFPB, Mestre Lima e seus alunos, do Grupo de Capoeira Angola Mandiga (GCAM) decidiram elaborar um projeto para apresentar aos setores engajado com a cultura negra. Após três meses de reuniões e ajustes com o grupo de estudos Afro-educação, o projeto foi apresentado ao diretor do Centro de Educação.

Em entrevista ao Programa Experimental Novas Fronteiras, vinculado ao departamento de jornalismo da UFPB, o professor Wilson Aragão, Diretor de Centro de Educação, comentou como tomou conhecimento do projeto.

Eu recebi uma comissão de estudantes da UFPB, outros ainda não (srsr), mas militantes dos movimentos sociais, que perceberam a capoeira como espaço de educação, de combate ao racismo de combate aos preconceitos sociais, sendo bem vista no departamento, afinal de contas, nosso centro foi o primeiro a provar as cotas na UFPB (ARAGÃO, 2013).

O projeto - intitulado de A arte da Capoeira Angola: a prática educativa da cultura negra - afirmava em sua justificativa:

Portanto, sendo a capoeira uma forma de manifestação cultural advinda do povo e para o povo, através do processo de resistência cultural negra o projeto se justifica pela necessidade de consolidar a prática da Capoeira como parte dos estudos da cultura negra, quebrando paradigmas impostos por uma sociedade que ainda tem uma visão restrita e preconceituosa da arte da Capoeira como manifestação cultura negra (SARMENTO DE SOUSA, 2013)

Ao problematizar estas questões concordamos com Kohl (2012), uma vez que o projeto apresentou a capoeira como um forte instrumento de provocações de realidades a serem discutidas no cotidiano dos seus praticantes, se opondo ao forte traço de autoritarismo na educação brasileira, alicerçada em uma pedagogia voltada para transmissão de conteúdo, um sistema denominado por Paulo Freire como educação bancária, ignorando a diversidade cultural, impossibilitando os estudantes de serem sujeitos autônomos da sua própria história. Segundo Freire (1987, p.58) “falar da realidade como algo parado, estático, (...) quando não falar ou dissertar sobre algo alheio a experiência existencial dos educando (...) conteúdos que são retalhos de sua narração”.

A capoeira com toda a sua conotação libertária contribui para o aprendizado qualitativo, pois ela não é uma mera reprodução mecânica, engessada. A capoeira angola almeja a diversidade humana, que significará uma atitude humanizada e revolucionária compromissada com a socialização dos saberes. A Capoeira Angola não admite a concepção monolítica (traço marcante da educação bancária) em que só existe certo e errado e “o educador, finalmente, é o sujeito do processo e os educandos, meros objetos”. (idem p. 59).

Na Capoeira de angola, o aprendizado fica a cargo do aprendiz, baseado em sua observação da vivência. Não existe qualquer conhecimento desvinculado de uma prática. O professor não ensina diretamente, apenas cria as condições para que o aprendiz experimente, a jogar, cantar, tocar e vadiar. Assim o aprendiz é responsável direto pelo processo de aprendizado, para que os alunos desenvolvam estilos próprios, que afluam seus sentimentos, onde a singularidade é a marca do estilo de cada praticante. O dossiê do Iphan descreve bem esta filosofia presente na academia do mestre Pastinha

O descompromisso alegre com a vadiação, a malícia ácida da malandragem (...) a beleza da dança, toques, a celebração de um povo não cabem em uma técnica a ou conceito. Por isso Pastinha tenta fundamentar sua transmissão na capoeira antiga, privilegiada a vivencia ou melhor, a convivência entre os capoeiras (...) nos convida a desenvolver múltiplos aspectos dessa rica tradição” (BRASIL, 2014, p. 80).

O professor Wilson Aragão reconhece que as aulas de capoeira, pensadas nesta perspectiva, colaboram com a construção de uma educação crítica. Segundo ele, “a Universidade precisa daquele curso tradicional da teoria pela teoria. Ela precisa avançar na direção de contribuir para melhorar a qualidade da sociedade. Aí neste aspecto, a capoeira como cultura é fundamental” (SOUSA, *apud*, Aragão, 2013)

4. 5 DA TEORIA À PRÁTICA: um espaço para o escambo humano

Toda teoria deve estar relacionada a uma prática. Marx define bem esta relação com a seguinte afirmação “os filósofos compreenderam o mundo, a questão é transformá-lo”. (MARX, 1984, p.111). Vamos à *práxis* do projeto.

A primeira aula ocorreu no dia 22 de outubro de 2013, com uma grande roda que contou com a presença de capoeiras, professores universitários, servidores e estudantes. As variadas expressões presentes na roda que constituem um ilimitado acervo cultural, um escambo humano em que as diferentes linguagens (mundos) dialogaram permitindo a integração de saberes, o acadêmico e popular.

Esta prática foi elucidada por Julyana Oliveira, membro do grupo afro educação. A estudante de pedagogia publicou o seguinte texto nas redes sociais.

Hoje surgiu no Centro de Educação da UFPB, através do projeto A ARTE DA CAPOEIRA DE ANGOLA: A prática educativa da cultura negra, mais um espaço de DIVERSIDADE, CULTURA, AFIRMAÇÃO e REPRESENTAÇÃO SOCIAL (sic) [...] Assim, ao praticar a Capoeira Angola estamos nos propondo a interagir individual e coletivamente com o mundo, participando das suas dinâmicas socioculturais. [...]. E como a ideia de toda roda é girar e se renovar a cada giro, façamos também da Academia, da Universidade um local de renovação, de ressignificação de nossa essências e existência, [...] (OLIVEIRA, 2013)

Cerca de vinte e cinco pessoas participaram do projeto. Aproximadamente realizamos cem aulas ministradas. As turmas eram mistas. Os participantes eram de diversos cursos: letras, história, música, educação, geografia, direito, engenharia, teatro, psicologia, medicina. As turmas também contaram com a presença de professores universitário dos cursos de música, educação física e teatro.

Gostaríamos de destacar a participação de estrangeiros na execução do projeto. Estudantes de intercâmbio oriundos da França, Alemanha, Inglaterra, Espanha, Portugal, participaram da aula, trocando experiências e conhecimentos.

De acordo com a estudante de intercâmbio de medicina Elise Stemmer, da cidade de Hannover na Alemanha:

[...] Há muitos vezes que eu me perguntei porque a Capoeira é tao (sic) importante pra mim e qual é a significação dela na minha vida. Claro a Capoeira me abre também um povo e uma cultura desconhecido-o Brasil e os brasileiros. Quando eu cheguei no Brasil foi na UFPB de João Pessoa que eu fiz o meu primeiro treino de Capoeira no Brasil. Foi surpreendente - bem que eu nunca fui pra (sic) o Brasil antes, já me senti em casa depois de cinco minutos (sic). Era como se a Capoeira é uma língua (sic) própria. Não era preciso de trocar palavras mas os movimentos e os conhecimentos dos rituais me deixaram me integrar no grupo dos alunos muito rápido. Partilhar uma paixão tão forte como a Capoeira unifica os humanos sobre limites. Portanto Capoeira é uma forma de comunicação sem palavras. É uma forma de expressão muito pessoal e único (STERMMER, 2015).

Os conhecimentos da arte da capoeira são baseados na educação, cultura e filosofia de vida, os quais foram incorporados de maneira marcante no modo de ser e sentir de cada pessoa, com uma utilização prática na sociedade em que cada um vive.

A Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) entende cultura como o “patrimônio dos valores e conhecimentos teóricos e práticos que estruturam a identidade de um povo, assim como o veículo da energia e das ideias criativas pelas quais os povos podem enriquecer e renovar sua identidade e entrar em contatos com outras culturas” (UNESCO *apud* CAMPOS, 2009, p. 75).

A cultura da capoeira se caracteriza por um processo baseado em uma verdadeira mixórdia cultural, que contribui para o crescimento humano, baseado na socialização de saberes populares, respeitando a pluralidade, integrando o local ao global. Neste sentido, podemos perceber, no relato de Elise Stemmer, que a capoeira é um forte instrumento para a difusão da cultura negra, uma vez que o projeto desenvolvido na UFPB permitiu aos seus participantes uma integração de conjunto de características distintas (espirituais e materiais), que caracterizam uma sociedade ou um grupo social, englobando, “além das artes e letras, os modos de viver, os direitos fundamentais dos seres humanos, os sistemas de valor, as tradições e as crenças”. (idem).

Outro aspecto desta prática era a experiência singular apelidada de “papoeira”. No final de cada aula todos se sentavam em um círculo, inclusive o professor, e cada um falava o que sentiu, o que gostou e não gostou, o que aprendeu, e o mais importante era se tinha alguma crítica. Aqui, podemos perceber outra uma prática pedagógica libertária que supera alguns tabus da educação bancária. Para Freire, a tônica da educação bancária é a narração, falar da realidade como algo estático, alheio a experiência do educando, desconectado com uma prática. A visão bancária também poda o poder de criação do educando, através da verdade absoluta do educador.

A “papoeira” é o exato oposto desta concepção. Na papoeira, a ação do educando se identifica com a do educador, através da formação de uma opinião coletiva, algo construído por intersecção de realidades. A avaliação da aula colabora na superação da contradição de educando e educador. Assim “o educador já não é apenas o que educa, mas o que educa, é educado, em diálogo com o educando que ao ser educado também educa” (FREIRE, 1987, p. 68). Aqui esta presente a dialogicidade, que segundo Freire é a essência da educação como prática de liberdade. Esta prática era recorrente no projeto. A auto-suficiência é incompatível com a capoeira. Todos aprendem em conjunto. Observando os movimentos dos companheiros corrigimos os nossos próprios erros. Esta sentença sempre era enfatizada nos treinamentos pelo próprio professor que ressaltava que estava aprendendo com cada aluno.

Pelo aspecto multidisciplinar, as aulas de ritmos não poderiam ficar de fora. A música cumpre um papel fundamental na transmissão do conhecimentos pelo processo da oralidade e na democratização do saber. Nas aulas de ritmos todos aprendem a tocar e cantar. As músicas são escolhidas para cada um sem a interferência do educador. Assim, a forma de cantar é bem livre. Cada um vai encontrando seu caminho, explorando suas experiências. O mestre Lima sempre ressalta, “o capoeira não é um cantor, mas um cantador” (LIMA, 2014).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto desenvolvido no Centro de Educação serviu para impulsionar o estudo acadêmico da capoeira. Em pouco menos de dois anos, o projeto foi fonte de pesquisa para estudantes do Curso de jornalismo, para monografias e teses de doutorado.

Ao perceber o potencial da prática educativa da capoeira remetemos o seguinte questionamento: Por que a prática educativa da capoeira ainda não é uma atividade curricular nos cursos do Centro de Educação?

A pesquisa aponta para novos desdobramentos no campo da investigação e de formulação de continuidade do projeto com vínculo oficial, ou seja, enquanto atividade curricular, não, apenas, de forma esporádica ou mesmo opcional, como ocorre no Departamento de Educação Física. E nessa perspectiva abrir possibilidades para o diálogo concreto entre universidade e sociedade através do reconhecimento do conhecimento dos mestres enquanto educadores populares.

5 REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Wilson Honorato. Diretor do Centro de Educação da UFPB. [entrevista]. In.: SOUSA, Sarah Sarmento de. **Programa Experimental Novas Fronteiras**. João Pessoa: Departamento de Jornalismo da UFPB, 2013

AREIAS, Anandes da. **O que é capoeira?**. 4 ed. Brasília: editora da tribo, 1983.

BRASIL. **Roda de Capoeira e Ofício dos Mestres de Capoeira**. In.: DOSSIÊ IPHAN 12. Brasília: Ministério da Cultura, 2014.

BRASIL. **Estatuto de Igualdade Racial**. Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010. Brasília: Câmara dos Deputados, 2010.

CAMPOS, Hélio (Mestre Xereu). **Capoeira Regional: A escola do Mestre Bimba**. Salvador: EDUFBA, 2009.

FALCÃO, José Luiz Cirqueira. **O jogo da capoeira em jogo e a construção da práxis capoeirana**. [Tese] Salvador: Programa de Pós-Graduação em Educação/FACED/UFBA, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 32 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

KOHL, Henrique Gerson. **Gingado na prática pedagógica escolar: expressões lúdicas no *quefazer* da educação física**. Recife: Editora Universitária UFPE, 2012.

LIMA, Ednaldo. A prática da Capoeira na Paraíba. In.: Espaço experimental: Rádio Tabajara [entrevista], 2014.

LIMA, Maria de Lourdes Faria, **Zumbi Bahia: O começo da Capoeira em João Pessoa**. [Monografia]. João Pessoa: Curso de Comunicação Social/CCHLA/UFPB, 2005.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã: teses sobre Feuerbach**. São Paulo: Editora Moraes, 1984.

OLIVEIRA, Jullyana de. **Grupo Afroeducação**. [*Time Line* do Facebook]. Digital, 2013.

O NORTE. **Curso de capoeira não deve ser ministrado aos jovens**. [Jornal], Página 04, CB, 25/10/1978.

PASTINHA, Vicente Ferreira. **A Capoeira Angola**. 3 ed. Salvador: Ministério da Cultura, 1988.

SARMENTO DE SOUSA, André. **A Arte da Capoeira de Angola: a prática educativa da Cultura Negra**. [Projeto de Capoeira Angola]. João Pessoa: UFPB, 2013.

SILVA, Gladson de Oliveira. **Capoeira: do engrenho à universidade**. 2 ed. São Paulo: Cepeusp, 1995.

STERMMER, Elise. **Relato sobre a vivência no Projeto a arte da Capoeira de Angola: a prática educativa da Cultura Negra**. Alemanha, 2015.